

# Comércio internacional em tempos de crise: exportações de bens e serviços do Brasil e do Mundo (2000-2018)

*Geovana Karolina dos Santos\**  
*Maria do Carmo Leticia de Moraes Amorim\*\**

## Resumo

As exportações representam um importante fator no crescimento econômico de qualquer país, uma vez que permitem que a Balança Comercial se torne superavitária, caso estas sejam superiores aos valores importados por um Estado em um determinado ano. Nos últimos tempos, acompanhando o setor de bens, as exportações de serviços vêm ganhando um enorme destaque e se tornando de fundamental relevância para a economia de muitos países devido ao seu desenvolvimento contínuo, de modo que notamos a necessidade de dar um foco, também, a este segmento. Contudo, ficou evidente que, de 2000 a 2018, houve algumas crises econômicas, como a de 2008, de 2012 e de 2014, que podem ter impactado essas transações, motivo pelo qual escolhemos analisar os efeitos desses eventos no resultado final das exportações de bens e serviços do Brasil, comparando-as com as do resto do mundo, através de dados divulgados pelo Banco Mundial, nos dezoito anos citados.

**Palavras-chave:** Exportações. Serviços. Bens. Brasil. Mundo.

## Abstract

*International trade in times of crisis: exports of goods and services from Brazil and the World (2000-2018)*

Exports represent an important factor in the economic growth of any country, as they allow the trade balance to become surplus if it exceeds the values imported by a state in a given year. In recent times, alongside the goods sector, service exports have gained tremendous prominence and become of fundamental relevance to the economy of many countries due to their continued development, so we note the need to focus, too, to this segment. However, it was evident that from 2000 to 2018 there were some economic crises, such as 2008, 2012 and 2014, which may have impacted these transactions, which is why we chose to analyze the effects of these events on the final result of exports of goods and services from Brazil, comparing them with those of the rest of the world, through data released by the World Bank, in the eighteen years mentioned.

**Key-words:** Exports. Services. Goods. Brazil. World.

**JEL** F43, G01, P45, Y10.

## Introdução

O comércio internacional tem sido relacionado com o crescimento pelas ciências econômicas há muitos anos (SARQUIS, 2011). Atualmente, esse debate está ainda mais forte, figurando entre as principais agendas globais de importantes atores econômicos, como o Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD), a Organização para o Desenvolvimento Econômico (OCDE), a Organização Mundial do Comércio (OMC), entre

---

\* Graduanda em Relações Internacionais pelo Centro Universitário Tabosa de Almeida (ASCES-UNITA), Caruaru, PE, Brasil. E-mail: geovanakarolinas@gmail.com.

\*\* Graduanda em Relações Internacionais pelo Centro Universitário Tabosa de Almeida (ASCES-UNITA), Caruaru, PE, Brasil. E-mail: amorimleticia98@gmail.com.

outras, o que reafirma a necessidade das trocas comerciais entre países, nos mais diversos contextos possíveis, visando o desenvolvimento econômico destes.

A globalização teve um papel fundamental para que as trocas internacionais fossem possíveis, uma vez que, junto da abertura e da integração comercial, facilitou o acesso a novos mercados, as mais diversas ofertas de produtos e, principalmente, ao conhecimento e ao intercâmbio de novas ideias (SARQUIS, 2011). Os países que seguem essa tendência, extraindo o máximo de *Know-How* desse processo proporcionado pela globalização, sairá na frente e terá ganhos relacionados à crescimento e a integração econômica.

O fato de o Brasil ser membro de importantes blocos socioeconômicos e políticos, como por exemplo, o Mercado Comum do Sul (MERCOSUL), e de também ser uma grande aposta de país emergente junto com Rússia, Índia, China e África do Sul — países-membros do BRICS — só ressalta o potencial de crescimento e desenvolvimento da economia brasileira, como apontam Vieira e Veríssimo (2009, p. 513): “Estudos recentes indicam que o conjunto de países emergentes formado por Brasil, Rússia, Índia, China (BRIC) e África do Sul poderá se tornar, nos próximos cinquenta anos, a principal força na economia global”.

Esse motivo somado à preocupação com as diversas vertentes da economia, además do comércio de bens — objeto usual de regulamentação do Acordo Geral de Tarifas e Comércio (GATT) —, encaminhou o mercado de serviços para a ordem mais imediata das negociações. Nos últimos anos, as negociações internacionais na área de serviços cresceram de forma enfática, e ao tratar do comércio de serviços, falamos de uma ampla gama de diretrizes englobadas pelas transações internacionais, numa diversificada variedade de campos, incluindo serviços financeiros, transportes, comunicações, construção civil, distribuição de mercadorias, entre outros, que representam novas oportunidades para o Brasil. Atualmente, há uma necessidade maior de focos multilaterais na área de comércio de serviços, que ainda se apresenta muito explorável e de fácil diálogo com outras diretrizes de mercado.

Devido a esse grande potencial de crescimento do Brasil, associado às mais diversas oportunidades que se apresentam para o país — através do comércio internacional de serviços, em especial —, decidimos estudar esse tema tão importante, analisando o comportamento das exportações brasileiras e do mundo, mediante as crises internacionais e nacionais de maior destaque nos últimos anos.

Deste modo, neste artigo, nos propomos a identificar as principais diferenças entre as exportações de bens e de serviços brasileiras de 2000 a 2018, que possam justificar as distintas respostas de ambos os mercados às crises econômicas internacionais de 2008, do mercado

*subprime* (de alto risco) estadunidense; de 2012, da Zona do Euro; e da crise da recessão nacional, iniciada em 2014 e agravada pela crise política que culminou no impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff.

Para isso, faremos uma revisão bibliográfica no primeiro tópico acerca das exportações de bens e serviços, assim como das próprias crises mencionadas. Em seguida, traremos dados divulgados pelo Banco Mundial sobre exportações, visando dar maior embasamento quantitativo a nossa pesquisa. Por fim, tentaremos relacionar a bibliografia com os dados analisados, confirmando ou refutando nossa hipótese de que as exportações de serviços apresentam um comportamento diferente e mais estável que as exportações de bens frente às crises mundiais ou domésticas, por conta das características inerentes a cada mercado.

## **1 O crescimento por meio do comércio internacional**

O protecionismo econômico, empecilho para o comércio exterior, tornou-se determinante durante a primeira metade do século XX, tendo em vista as duas Grandes Guerras Mundiais que ocorreram nesse período. Tais fatos, além de terem sido responsáveis por destruir várias cidades do mundo, tiveram impacto negativo, também, nas economias desses atores, que mergulharam em profundas crises.

A Conferência de Bretton Woods<sup>1</sup>, ocorrida em julho de 1944, assim como o Plano Marshall — financiamento promovido pelos Estados Unidos para ajudar na reconstrução dos países aliados da Europa, que sofreram com os impactos dos conflitos ocorridos nessa região — tiveram papel significativo para que o protecionismo promovido pelos Estados desse lugar à liberalização econômica, fundamental para o desenvolvimento do comércio internacional e do crescimento econômico (SARQUIS, 2011).

A estabilidade econômica, o crescimento e o equilíbrio das contas externas sofrem grande influência do desempenho das exportações, uma vez que estas podem aumentar ou diminuir a vulnerabilidade de uma economia à acontecimentos internacionais (DE NEGRI; FREITAS, 2004). Fica evidente, então, a interdependência entre crescimento e o comércio internacional, mostrando a necessidade de se desenvolver políticas educacionais, comerciais,

---

<sup>1</sup> A Conferência de Bretton Woods aconteceu quando representantes financeiros de 44 países decidiram se encontrar, a fim de estabelecer a ordem econômica mundial para o pós-guerra. Eles tinham o objetivo de “promover uma mudança, incentivando a cooperação monetária, apoiando a expansão comercial e crescimento econômico, e desencorajando políticas como o protecionismo comercial e as desvalorizações monetárias competitivas” (MAZUMDARU, 2019, s. p.).

industriais, tecnológicas e financeiras que ajudem a promover, sobretudo, as exportações, tendo em vista que é um setor de forte impacto nas economias e no desenvolvimento dos países.

O Brasil, assim como salientado anteriormente, foi um Estado que promoveu fortemente o protecionismo econômico, sobretudo durante o governo de Getúlio Vargas (1930-1946), devido a política de substituição das importações, estimulada pelo desejo de desenvolver a indústria nacional. Contudo, no fim da década de 1980, essa realidade começa a mudar, uma vez que o país se deparou com alguns problemas, sendo um deles a crise que se iniciou pela dívida externa brasileira, assim como pela discriminação com alguns setores da economia intensivos em mão-de-obra, como agricultura (SARQUIS, 2011). A alternativa encontrada para mudar esse cenário foi a abertura comercial, especialmente para a importação, e a eliminação do apoio governamental à produção doméstica e às exportações.

A partir daí, o Brasil começa a passar por uma nova fase, que trouxe resultados contrários aos esperados ao se adotarem tais medidas. Em meados da década de 1990, o país se depara com uma nova crise ocasionada pelo confisco da poupança da população, que trouxe instabilidade política e econômica (ROSSI; MELLO, 2017), de modo que não houve uma melhora em relação ao déficit em conta corrente, que crescia enormemente, indo de encontro ao que se esperava da economia com a tomada dessas estratégias. Novamente, a importância das exportações brasileiras foi trazida à tona, assim como o entendimento de que o apoio a indústria nacional é importante para a promoção desta.

Entretanto, o Brasil pode se tornar um país com desempenho econômico acima da média global, em virtude de alguns fatores, como sua extensão territorial, sua população e os recursos naturais de que dispõe. Todavia, apesar do potencial que possui, a indústria brasileira ainda atua de forma modesta no comércio internacional, por uma série de motivos que vêm desde a grande burocracia a qual as empresas são submetidas, aos custos altos, aos desafios logísticos e ao despreparo profissional, que causam o desinteresse do empresário nesse tipo de comércio e, conseqüentemente, a baixa nas exportações, como podemos notar a seguir:

O comércio exterior brasileiro vem apresentando crescimento nas últimas décadas, porém, a infraestrutura logística do país não tem demonstrado uma evolução no mesmo ritmo que os importadores e exportadores necessitam, gerando assim custos adicionais aos produtores (SOUZA et al., 2018, p. 1397).

Além disso, o Brasil, que é tido como um país agroexportador devido ao seu alto índice de exportação de commodities, destaca-se pela exportação de bens de baixo valor agregado, mesmo possuindo potencial para desenvolver tecnologias e outros insumos mais valiosos.

Tendo em vista o mercado de comercialização de bens, Lima, Lélis e Cunha (2015) explicam que em 2000, o setor que detinha maior participação nas exportações brasileiras era o de bens intensivos em economias de escala, com 26,1%, seguido de intensivos em recursos naturais e produtos primários, que respondiam respectivamente por 20,9% e 19,6% da pauta total. Sobre o assunto, complementam:

A grande mudança que ocorreu na pauta de exportações brasileiras foi o gradativo aumento da relevância dos produtos primários nas exportações – este setor foi responsável por 45,2% do valor das exportações brasileiras em 2011. A parcela dos bens intensivos em recursos naturais ficou praticamente estável, enquanto os demais setores reduziram sua participação na pauta total. Neste último ano a parcela do setor de intensivos em economias de escala ainda foi alta, correspondendo a 18,6% do total. Mas o fato é que houve um movimento de concentração setorial das exportações em produtos primários (LIMA; LÉLIS; CUNHA, 2015, p. 433).

Considera-se que as atividades exportadoras do agronegócio brasileiro são de cunho estratégico para a política comercial nacional, pelo motivo de que, além de contribuir para o superávit comercial e para o crescimento econômico no país, essas atividades demonstram um alto grau de inserção no comércio mundial, tanto pelo número de mercados tradicionais já consolidados, quanto pela capacidade de explorar novos cenários potenciais. Ademais, o crescimento da demanda externa do setor agropecuário incita outras atividades no mercado doméstico, encadeando assim uma série de efeitos multiplicadores, que contribuem positivamente para os resultados macroeconômicos e setoriais no país.

As commodities com maior potencialidade de exportação de origem brasileira, segundo dados do antigo Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC), em 2018, foram: soja, com 83,6 milhões de toneladas; açúcar bruto e refinado, com 21,4 milhões de toneladas; frango com 3,9 milhões de toneladas; carne bovina com 2,0 milhões de toneladas equivalente a carcaça; e café com 1,8 milhão de toneladas. Entre os anos de 2010 a 2018, a soja foi a commodity que teve maior crescimento das exportações, com um acréscimo de 165% no volume embarcado. Em segundo lugar vem a as exportações de carne bovina, com um crescimento de 35% do volume exportado no período. Em 2018, a China foi responsável por 82,3% dos embarques de soja.

Entretanto, apesar do grande destaque que as commodities possuem no comércio internacional brasileiro, esse é um item que está sujeito aos mais diversos acontecimentos, como uma praga que atrapalhe a safra em um determinado período, fenômenos naturais, entre outros. Devido a isso, uma outra alternativa pouca explorada pelo Brasil e que tem um alto grau de competitividade, tendo em vista que possui menos obstáculos, é a exportação de serviços, setor

que vem ganhando bastante visibilidade nacionalmente e na América Latina, em virtude do seu crescimento considerável dos últimos anos, como aponta Anita Kon (2006, p. 10):

Entre os diversos caminhos a serem explorados pelos países em desenvolvimento da América Latina, está inserido o da internacionalização dos serviços, que na atualidade têm desempenhado um papel relevante como indutores e catalisadores do processo de modernização e crescimento da economia como um todo e não mais apenas como atividades complementares aos demais setores.

É importante salientar que as empresas de serviços representam um papel fundamental no desempenho das economias. De acordo com Silva, Negri e Kubota (2006), a OCDE vê essas empresas como determinantes para o crescimento da produtividade e do emprego, já que estão cada vez mais inovativas e intensivas em conhecimento. Esse alto desempenho pode estar associado ao desenvolvimento da globalização nas últimas décadas, além da intensificação das mudanças tecnológicas, que facilitam o acesso rápido à informação, à locomoção, ao intercâmbio de bens, pessoas, entre outros.

Uma mudança nos modelos de negócios faz com que as firmas passem a buscar fornecedores especializados de serviços, no país de origem e no exterior. Essa dinâmica foi intensificada por mudanças tecnológicas, como a digitalização dos serviços e a emergência de redes de banda larga. O resultado é um crescimento significativo do comércio exterior em serviços, e as exportações brasileiras têm acompanhado a tendência (SILVA; NEGRI; KUBOTA, 2006, p. 18).

Embora não seja exatamente o caso do Brasil, o comércio internacional de serviços tem forte relevância em diversos países do âmbito internacional. Ratna e Kim (2018) defendem que o mercado de serviços representa um papel de notável destaque nas economias globais e causa um impacto significativo no Produto Interno Bruto (PIB) de diversos Estados. Eles ainda ressaltam que este é um mercado em ascensão, com boas perspectivas de crescimento, a partir dos resultados já obtidos, como podemos ver: “Os setores de serviços são os que mais crescem da economia global, representando dois terços da produção mundial, um terço da produção de emprego e um quinto do comércio global” (RATNA; KIM, 2018, p. 427, tradução nossa).

Hoekman (2017) afirma que o comportamento positivo do setor de serviços é notório no que se refere ao desenvolvimento econômico e a produção da economia mundial, de um modo geral. A abertura do mercado de serviços deve ser utilizada como uma estratégia para modernizar a indústria de países em desenvolvimento, como no caso do Brasil (NORDÅS, 2011 apud HOEKMAN, 2017).

Mesmo com o crescimento das exportações de serviços brasileiros, como salientado no último trecho em destaque, a participação do Brasil nesse comércio ainda é muito baixa, se

comparada a outros países do mundo que também participam desse tipo de comércio. O crescimento das exportações de bens e serviços brasileiros, após 2002, teve direta relação com o desenvolvimento da economia do país, inclusive na diminuição da dívida externa (FILHO; DE PAULA, 2006). Apesar disso, as exportações de bens ainda superam as exportações de serviços, que só recentemente tiveram um aumento significativo, mas ainda muito modesto, representando “cerca de 13% do total exportado pelo país em bens e serviços em 2010, o que denota uma composição de exportações concentrada em bens e com potencial de crescimento relevante no setor de serviços” (OLIVEIRA, 2012, p. 44).

É necessário salientar que os dados acerca do serviço exportado de maior destaque do Brasil não são amplamente divulgados, sobretudo aqueles anteriores ao ano de 2014. Até 2018, o órgão responsável por essa difusão de informações do setor de serviços era a Secretaria de Comércio e Serviços<sup>2</sup>, do antigo Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (SCS/MDIC). De acordo com dados disponibilizados por essa secretaria através do MDIC (2018?), de 2014 a 2018, o serviço mais exportado pelo Brasil em valor (dólares), foi o que corresponde ao item 1.0905 da Nomenclatura Brasileira de Serviços e Intangíveis<sup>3</sup> (NBS), que trata sobre serviços auxiliares aos serviços financeiros, exceto os relacionados a seguros e previdência complementar. O valor exportado foi de mais de US\$ 15 bilhões nesses cinco anos.

Em seguida, temos o item 1.1409 (outros serviços profissionais, técnicos e gerenciais não classificados em outra posição), que foi responsável por acrescentar mais de US\$ 10 bilhões a economia brasileira, nos anos citados anteriormente. Em terceiro lugar, é possível identificar o código 1.1401 (serviços gerenciais, de consultoria gerencial, de relações públicas e de comunicação social), cuja exportação foi superior a US\$ 8,5 bilhões, no mesmo período.

Apesar disso, como destacamos anteriormente, a participação do Brasil, no comércio internacional de serviços e de bens de alto valor agregado principalmente, ainda é pouco significativa, motivo que vem fazendo o governo criar estratégias que estimulem a pequena e média empresa, sobretudo, a exportar, com o auxílio de agências de créditos à exportação, por exemplo. Como defendem Catermol e Lautenschlager (2010, p. 10):

---

<sup>2</sup> A Lei 13.844/2019, que tem como origem a Medida Provisória (MP) 870/2019, reestruturou a Administração Pública Federal e criou o Ministério da Economia. A partir dessas mudanças, a SCS passou a ser denominada Subsecretaria de Desenvolvimento de Comércio e Serviços, vinculada à Secretaria de Desenvolvimento da Indústria, Comércio, Serviços e Inovação (SDIC), por sua vez, subordinada à Secretaria Especial de Produtividade, Emprego e Competitividades (SEPEC). Todos estes órgãos, estão organizados no âmbito do Ministério da Economia (BRASIL, 2019, s. p.).

<sup>3</sup> Para fins de registro no Siscoserv e para possibilitar um melhor direcionamento das políticas públicas neste setor, os serviços, os intangíveis e as demais operações são classificados com base na Nomenclatura Brasileira de Serviços, Intangíveis e outras Operações que Produzam Variações no Patrimônio (NBS) (MDIC, 2016, p. 77).

A promoção de exportações é considerada uma atividade típica de Estado, por causa das externalidades que elas podem proporcionar à economia de um país (...). O comércio exterior representa um papel significativo na geração de emprego, renda, divisas, diversificação de mercados para os exportadores, ampliação da escala de produção e a consequente redução de custos associada, estabelecimento ou consolidação de setores de maior intensidade tecnológica e formação de cadeias de fornecedores locais, multiplicando os efeitos anteriormente citados.

Além disso, a exportação representa uma boa rota de fuga em momentos turbulentos, como os que ocorrem em períodos de crises econômicas e políticas, tendo em vista que estas trazem preocupação aos Estados, no que dizem respeito ao fluxo do comércio internacional realizado, especialmente quando esses fenômenos acontecem a nível global (CATERMOL; LAUTENSCHLAGER, 2010). Desse modo, percebe-se, mais uma vez, como as exportações de um país são de extrema importância para o seu contexto geral, em especial para o resultado final da balança comercial, que pode ser superavitária, caso o valor exportado seja superior ao das importações.

Quando uma crise econômica se inicia, tanto em um país, quanto em um bloco econômico, como a União Europeia, por exemplo, ou em um continente, rapidamente outros Estados do mundo começarão a sentir o efeito destas em seu dia a dia. Foi o que aconteceu com as crises mais recentes que abalaram o mundo, sobretudo a iniciada em 2007, que teve origem no mercado imobiliário estadunidense: “A crise imobiliária do mercado *subprime* (de alto risco) atingiu fortemente os mercados financeiros e de capitais dos EUA e dos países da Europa” (CARCANHOLO et al.; 2008). Sendo assim, devido a um problema interno do mercado estadunidense, que afetou o setor financeiro, a crise se espalhou ao redor do mundo, causando diversos impactos, sendo o principal deles a desaceleração econômica de diversos países.

De acordo com Lopes et al. (2016, p. 107): “O Brasil também foi afetado pela crise, presenciando queda significativa na cotação de suas empresas, no consumo do país e redução no volume de empréstimos adquiridos.” Contudo, não foi apenas com os efeitos dessa crise que o Brasil sofreu. Em 2012, a crise da Zona do Euro teve seu ápice, tendo como principal motivo “o endividamento absurdo dos países pertencentes a este grupo e a impossibilidade em refinarciar o montante de suas dívidas públicas sem a ajuda de terceiros” (LOPES et. al., 2016, p. 107). Outra vez, várias empresas e países do mundo inteiro foram afetados com essa nova crise, sendo o Brasil apenas mais um deles.

Essas crises citadas foram as de maiores proporções internacionalmente, nas últimas duas décadas. Obviamente, elas não foram as únicas, sobretudo se considerarmos que o Brasil tem enfrentado uma profunda crise econômica e política desde 2014, ocasionada pela recessão econômica, agravada pelo processo de impeachment da ex-presidenta da República, Dilma

Rousseff, que ocasionou uma queda por dois anos consecutivos no PIB do país, além da intensificação do desemprego. Sobre isso, Rossi e Mello (2017, p. 2) dizem:

Essa desaceleração pode ser atribuída a múltiplas causas: além de falhas na condução da política econômica fatores políticos (desde as manifestações de 2013 até a incerteza eleitoral de 2014), fatores internacionais (com a perspectiva do *tapering* nos EUA e a rápida queda no preço das commodities em 2014) e fatores institucionais ou jurídicos (como o avanço da operação Lava Jato que afetou indiretamente setores estratégicos da economia brasileira, como petróleo e gás, construção civil e indústria naval) certamente contribuíram para a desaceleração da economia brasileira no período.

Sendo assim, no próximo tópico, traremos mais alguns dados e tentaremos aprofundar o debate acerca das exportações de bens e de serviços brasileiros, mostrando como estas reagiram as crises citadas, além de compará-las com as transações internacionais do mundo como um todo.

## **2 Exportações de bens e serviços através de dados**

Com o auxílio de dados disponibilizados pelo Banco Mundial, analisamos os números das exportações de bens e de serviços do Brasil e do mundo, em dólares, de 2000 a 2018, período o qual nos propomos a analisar neste artigo. Contudo, é necessário, primeiramente, explicar a que se refere cada indicador utilizado neste estudo, assim como salientar a importância de deflacionar os valores trabalhados, tendo em vista o melhor entendimento dos resultados.

As exportações correntes (ou atuais) trarão os valores com a influência da inflação dos anos analisados. Enquanto isso, as exportações constantes ajustarão os efeitos da inflação nos preços; elas trazem os dados reais das exportações de bens e serviços realizadas pelo Brasil e pelo mundo, como mostrado a seguir:

Os dados relatados nos preços atuais (ou "nominais") de cada ano estão no valor da moeda daquele ano em particular. Por exemplo, os dados atuais de preços mostrados para 1990 são baseados nos preços de 1990, em 2000 são baseados nos preços de 2000 e assim por diante. Outras séries nos Indicadores de Desenvolvimento Mundial (WDI) mostram dados em termos "constantes" ou "reais". Séries constantes mostram os dados de cada ano no valor de um ano base específico. Assim, por exemplo, os dados relatados em preços constantes de 2010 mostram dados de 1990, 2000 e todos os outros anos nos preços de 2010. As séries atuais são influenciadas pelo efeito da inflação de preços. Séries constantes são usadas para medir o crescimento real de uma

série, ou seja, ajustar os efeitos da inflação de preços<sup>4</sup> (THE WORLD BANK GROUP, 2019<sup>2</sup>a, s. p., tradução nossa).

Por isso se dá a importância de deflacionar os dados, que consiste justamente no fato de se trabalhar com informações líquidas, que não estão sob influência dos efeitos da inflação, de modo que é possível ter uma ideia mais abrangente dos impactos das crises mencionadas nas exportações estudadas.

Sendo assim, para deflacionar os valores referentes às exportações de bens e serviços do Brasil, foi necessário, inicialmente, buscar os dados do PIB Corrente<sup>5</sup> e Constante<sup>6</sup> do país, em dólares americanos, no banco de dados do Banco Mundial (THE WORLD BANK GROUP, 2019b). Em seguida, classificamos a série temporal escolhida para este estudo e dividimos o PIB corrente pelo PIB constante. O resultado obtido consiste no índice de deflacionamento, que serviu como divisor das exportações correntes<sup>7</sup>, tanto de bens quanto de serviços, gerando, assim, os dados das exportações constantes, que não são disponibilizadas separadamente pelo Banco Mundial. O mesmo processo foi feito com os dados do mundo, gerando os resultados que utilizamos para confeccionar os gráficos que serão expostos a seguir:

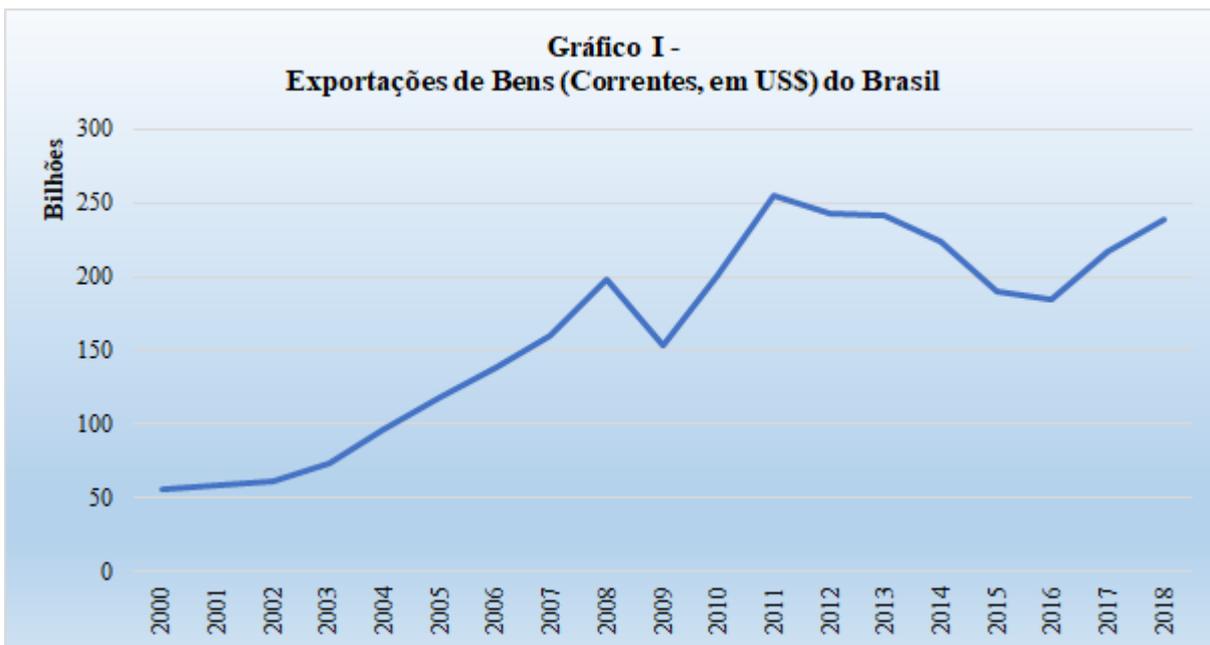
---

<sup>4</sup> *Data reported in current (or “nominal”) prices for each year are in the value of the currency for that particular year. For example, current price data shown for 1990 are based on 1990 prices, for 2000 are based on 2000 prices, and so on. Other series in World Development Indicators (WDI) show data in “constant” or “real” terms. Constant series show the data for each year in the value of a particular base year. Thus, for example, data reported in constant 2010 prices show data for 1990, 2000, and all other years in 2010 prices. Current series are influenced by the effect of price inflation. Constant series are used to measure the true growth of a series, i.e. adjusting for the effects of price inflation.*

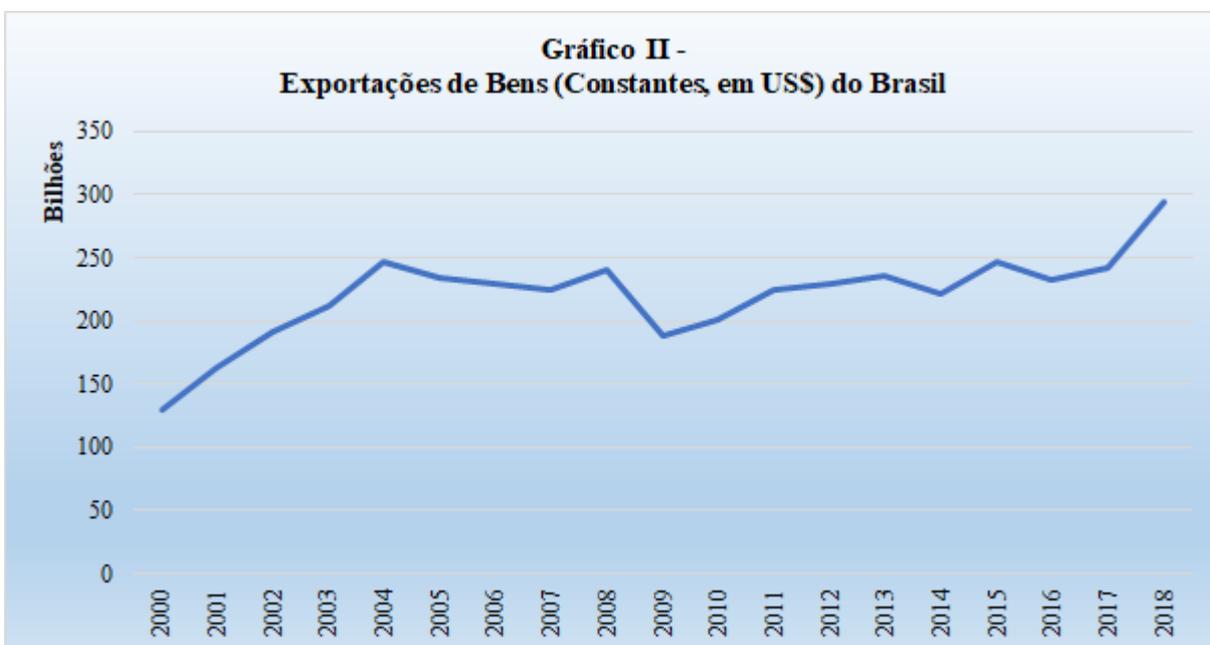
<sup>5</sup> *GDP (current US\$).*

<sup>6</sup> *GDP (constant 2010 US\$).*

<sup>7</sup> *Indicadores de exportações correntes de bens e de serviços, respectivamente: Goods Exports (BoP, current US\$) e Service Exports (BoP, current US\$).*



Fonte: Elaboração própria.



Fonte: Elaboração própria.

Podemos notar, através dos gráficos acima, que o efeito da inflação — presente no gráfico I — reduz a transparência dos números exportados pelo Brasil entre 2000 e 2018. O primeiro gráfico apresenta oscilações mais expressivas em relação ao gráfico II, sendo o segundo gráfico resultado dos valores deflacionados.

Ao avaliarmos os dois gráficos, notamos que nas exportações de bens, as informações divergem no período de 2000 a 2007, pois no gráfico I, é observado um crescimento contínuo nas vendas do Brasil ao exterior, enquanto no gráfico II, há uma oscilação, onde é possível

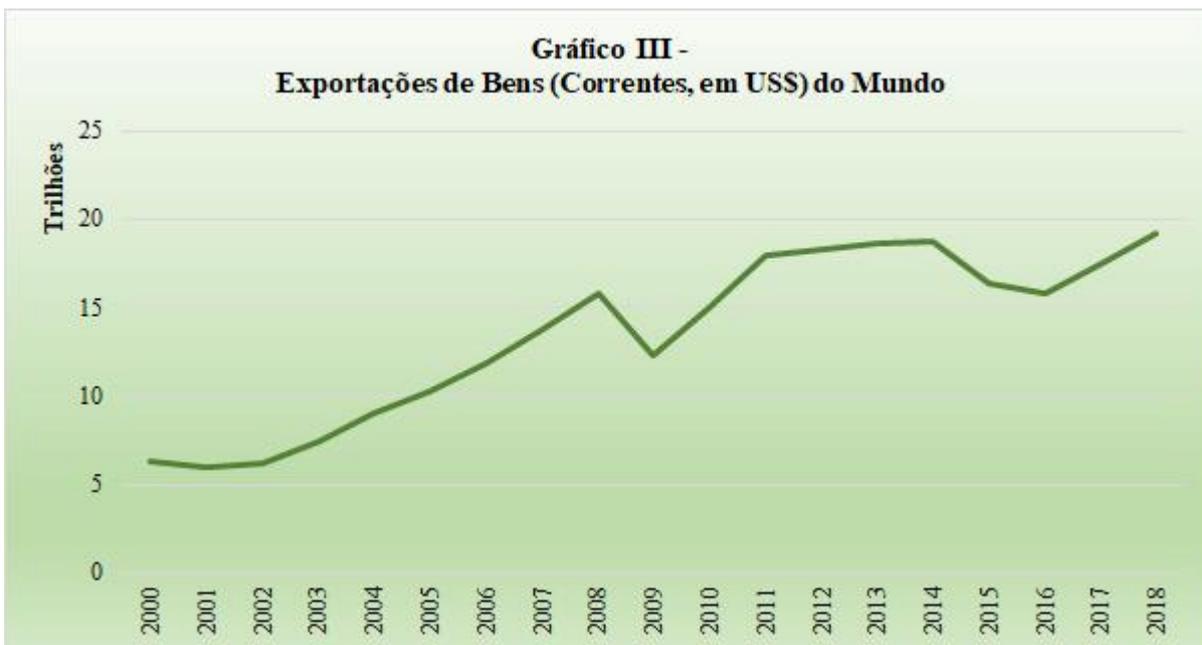
perceber um crescimento notável entre 2003 e 2004, e em seguida, nota-se uma queda sutil entre 2005 e 2006.

Ambos os gráficos apresentam um crescimento acentuado entre 2006 e 2007, assim como uma queda entre 2008 e 2009 — devido à crise mundial originada no mercado imobiliário norte-americano, que impactou o cenário internacional de forma geral. Contudo, é notável que o gráfico I, com seu efeito inflacionário, apresenta maior impacto desta crise que o gráfico II.

Os padrões de divergência se repetem após o ano de 2010: no gráfico de exportações de bens em valores correntes, notamos um crescimento bastante pontual no mesmo ano, que segue até 2011, havendo uma queda singela até 2012, possivelmente originada pela crise da Zona do Euro, já citada anteriormente, na qual os países europeus, importantes importadores internacionais, tiveram suas economias bastante afetadas.

Contudo, se analisarmos o segundo gráfico, de valores constantes, podemos notar que, desde a última crise de nível global, iniciada em 2008 nos Estados Unidos, o Brasil segue numa crescente exportação dos seus bens, com uma pequena desaceleração entre os anos de 2010 e 2011, mas que não causou o mesmo impacto mostrado no gráfico 1, o que denota que, na verdade, quando retiramos os efeitos da inflação, a crise não foi tão agressiva quanto se imaginava. Desse modo, entende-se que, no gráfico de exportações de bens constantes, o crescimento e a queda existem, porém são de menor impacto do que o apresentado no primeiro gráfico.

Já em 2015, o gráfico I apresenta uma queda bastante significativa — justamente no período de crise econômica e política do Brasil, enquanto o gráfico II demonstra uma queda relativamente singela, quando comparada ao gráfico inflacionado. Em seguida, ambos os gráficos apresentam a informação consensual de que houve um crescimento após a crise de 2015, mantendo sua tendência de crescimento até o ano de 2018.



Fonte: Elaboração própria.



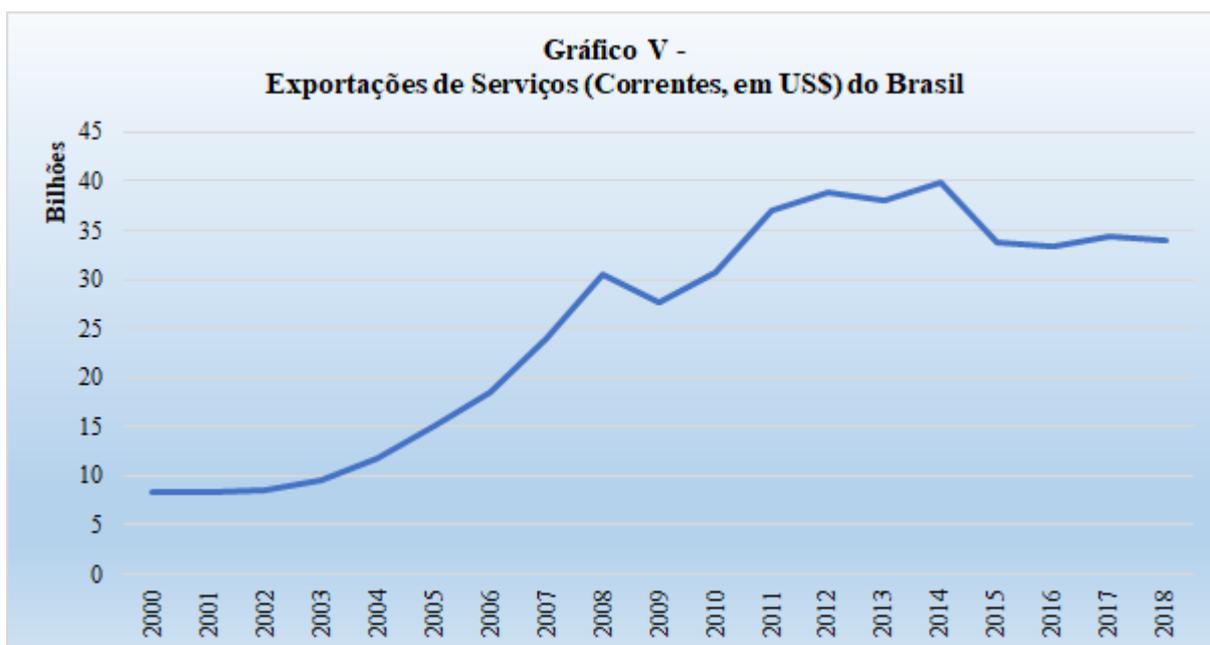
Fonte: Elaboração própria.

Divergindo do comportamento doméstico brasileiro, os dois gráficos de exportação de bens do mundo — exportações de bens correntes e exportações de bens constantes — apresentam um posicionamento muito mais similar do que divergente. Esse comportamento consistente se dá pelo fato de que, ao analisarmos o mundo como um todo, estamos lidando com as exportações de vários países, de modo que, quando um Estado dentro da análise passa por instabilidades, os que estão estabilizados ou os emergentes acabam equilibrando os resultados. Dessa forma, podemos observar um crescimento estável que se origina desde o

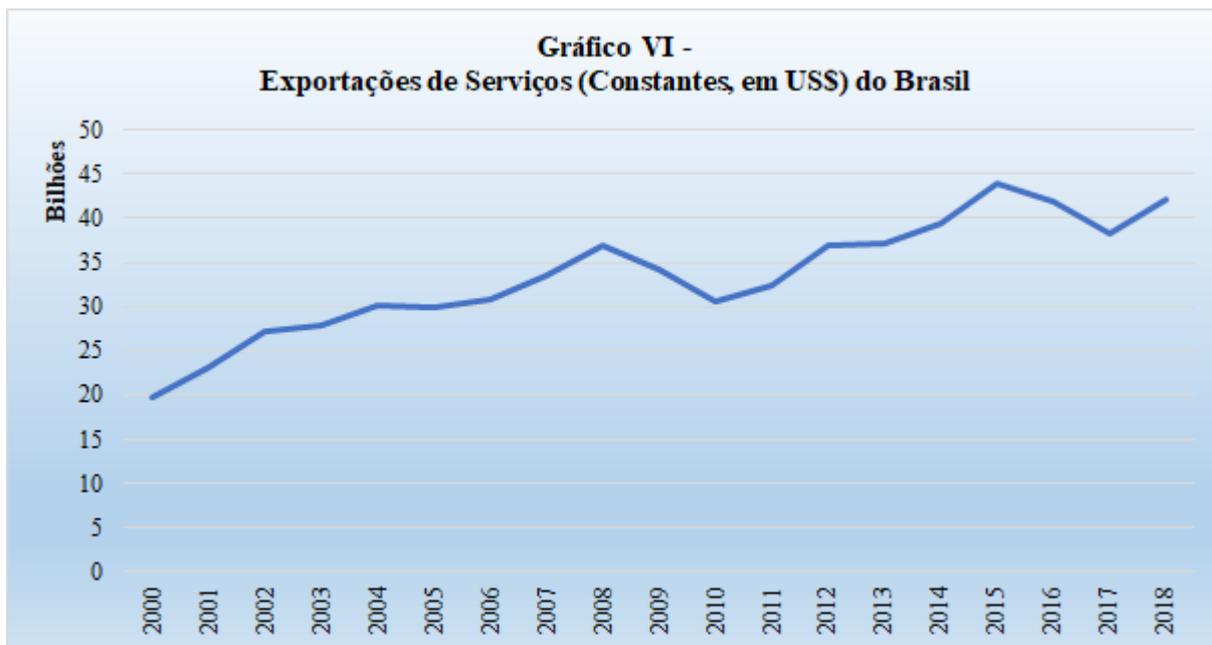
início da análise, em 2000, e sofre seu primeiro forte impacto no ano de 2008, exatamente no desencadear da crise imobiliária norte-americana, já mencionada como fator gerador de instabilidade internacional naquele período.

O crescimento das exportações de bens é retomado no ano de 2010, e se mantém em ascensão até o ano de 2016, quando houve também uma queda, menos intensa que a ocorrida em 2008, mas ainda assim significativa em ambos os gráficos, sendo esta a segunda queda em exportações de bens observada nos dezoito anos que avaliamos. Essa segunda crise se originou basicamente dos países emergentes, especialmente a China, os quais passaram por um período de desaceleração.

Apesar do setor de bens, como já apontamos, ser maior explorado no Brasil, devido ao grande potencial agroexportador do país, entre outros fatores, o setor de serviços tem se destacado enormemente nas últimas duas décadas e, felizmente, esse não foi um fato ocorrido apenas nas exportações brasileiras. Desse modo, observaremos a seguir dois gráficos que refletem o comportamento das exportações de serviços no mercado doméstico brasileiro e, na sequência, apreciaremos os gráficos referentes ao comportamento das exportações de serviços no mundo — em valores correntes e constantes.



Fonte: Elaboração própria.

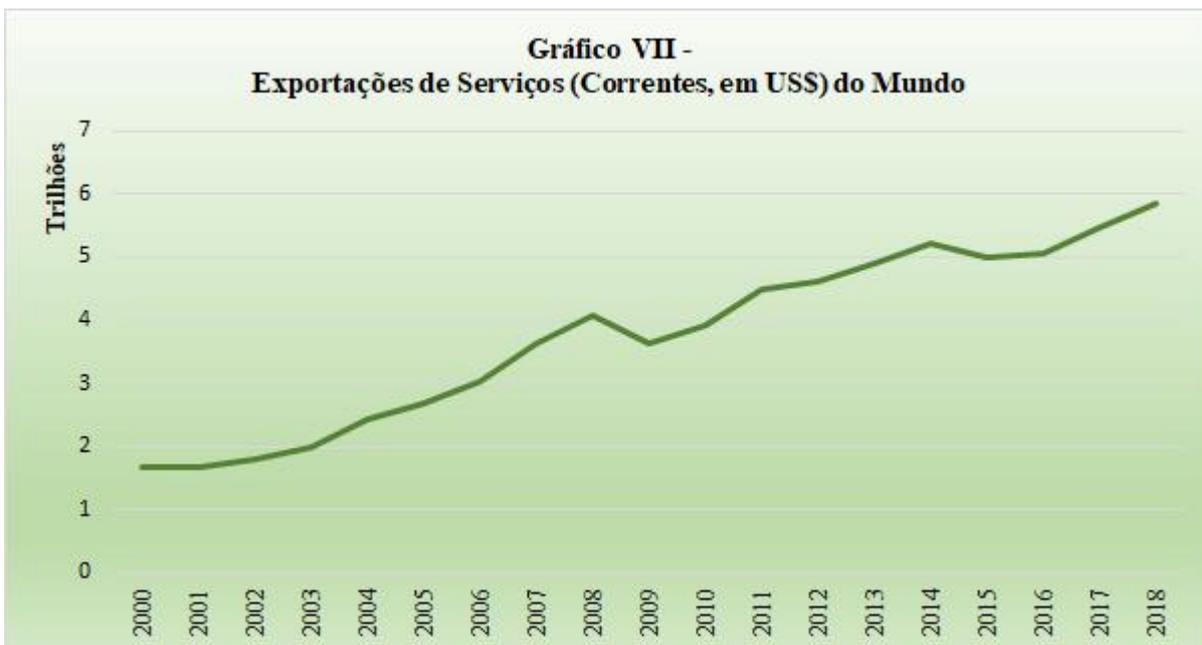


Fonte: Elaboração própria.

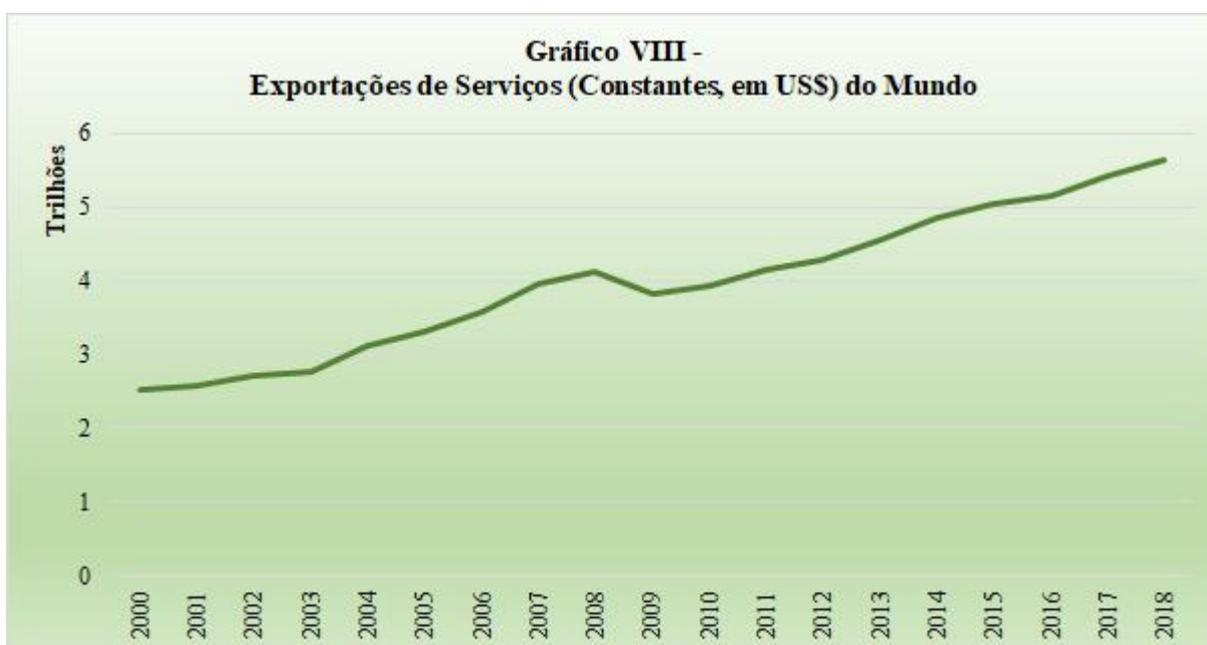
Podemos analisar, segundo o gráfico V — submetido aos efeitos da inflação — que as exportações do mercado de serviços se mantiveram em notável crescimento de 2000 até 2008, quando chegam a um pico e, em sequência, sofrem queda no ano de 2009. O crescimento é retomado em 2010, e o aumento é mantido até 2013, quando é possível notar uma queda de menor impacto e, sequencialmente, um sutil crescimento em 2014. Em 2015, podemos observar uma queda relevante, sem crescimentos significativos nos anos sequenciais.

O gráfico VI, que retrata as exportações de serviços deflacionados, em valores líquidos, apresenta um comportamento com menos oscilações drásticas. Há um crescimento contínuo de 2000 a 2008, seguido de sua maior queda do período — entre 2009 e 2010. O crescimento das exportações de serviços brasileiros é reocupado em 2011 e permanece estável até 2015, quando chega a seu ápice, e declina nos anos de 2016 e 2017, crescendo novamente apenas no ano de 2018.

Ao avaliarmos o comportamento do mercado de serviços no período de 2000 a 2018, notamos que, as maiores quedas deste segmento se deram nos períodos das maiores crises sofridas pelo cenário doméstico brasileiro. Em 2009, o reflexo da crise imobiliária estava instaurado em todo o mundo, e entre 2014 e 2015, o Brasil enfrentava uma de suas maiores recessões políticas e econômicas. Nota-se também que em 2012, ano da Crise do Euro, não foi possível perceber danos dentro do mercado brasileiro de serviços, pois, em ambos os gráficos, este ano foi de ascensão comercial.



Fonte: Elaboração própria.



Fonte: Elaboração própria.

Os gráficos VII e VIII apresentam o mercado de serviços no cenário mundial. Podemos notar que as variações entre o gráfico de exportações de serviços correntes e o de serviços constantes têm menos oscilações que os dados do Brasil, demonstrando assim mais estabilidade. Isso se dá devido ao fato de, por tratar-se de uma análise global, o desenvolvimento dos países com melhor desempenho nas exportações de serviços se sobrepõe ao comportamento dos países que tiveram uma performance inferior, equiparando-os.

Em ambos os gráficos, é possível notar um crescimento contínuo entre os anos de 2000 e 2008. Contudo, no gráfico VII — que retrata os valores correntes, sob o efeito da inflação — nota-se uma sutil queda no ano de 2009, exatamente após o *boom* da crise imobiliária norte-americana. Em seguida, o crescimento é retomado, e se mantém estável até 2014. No ano de 2015, há uma queda amena, que é superada no ano seguinte, e o crescimento se mantém até o último ano da análise. No gráfico VIII, que aborda os valores constantes deflacionados e líquidos do mundo, também é possível notar um crescimento contínuo de 2000 até 2008, e em seguida, notamos sua única queda, no ano de 2009. A partir de 2010, o crescimento é retomado, e permanece estável até 2018.

### **3 Possíveis causas do comportamento de cada setor durante as crises**

Apesar do setor de bens ainda exportar mais em volumes e, conseqüentemente, em dólares, é notório, durante a exposição dos gráficos, que as exportações de serviços, em valores constantes, acabou crescendo de forma mais expressiva que o outro setor, tanto no Brasil, quanto no mundo. Deste modo, percebe-se, também, que as exportações de serviços acabaram sofrendo de modo mais brando com os efeitos gerados pelas crises mencionadas, tendo um potencial de recuperação superior. Contudo, em virtude de quais fatores esse setor se torna mais dinâmico que o de bens? É possível apontar alguns motivos que podem estar influenciando essa dificuldade nas exportações brasileiras.

A falta de infraestrutura para o transporte brasileiro é uma das principais causas que impedem o desenvolvimento das exportações de bens, que é altamente dependente dos diversos modais disponibilizados no mercado, sobretudo o rodoviário, bastante utilizado no Brasil. Essa falta de estrutura ocorre devido à demora nas obras de melhorias das rodovias, ferrovias, portos e aeroportos brasileiros, o que acaba diminuindo a competitividade dos produtos brasileiros no exterior, em virtude, também, dos custos extras que estes entraves oneram (FÓRUM ECONÔMICO MUNDIAL, 2014 apud SOUZA et al, 2018).

Em contrapartida, as burocracias as quais as exportações de serviços são submetidas não envolvem a necessidade de transporte, diretamente, o que as permite contornar as turbulências existentes pela falta de infraestrutura na logística brasileira. Por ser mais dinâmico, o setor de serviços se torna mais fácil de se exportar e, por conseguinte, de maior recuperação em períodos de crise, uma vez que até os custos acabam sendo mais baixos, fator de bastante influência para o empresário brasileiro, sobretudo os de pequenas e médias empresas.

Entretanto, apesar de configurar um enorme obstáculo para a exportação dos produtos brasileiros, esse não é o único motivo que causa impedimento nesse setor. Souza et al., de acordo com o relatório do Fórum Econômico Mundial, continua pontuando que a baixa escolaridade dos brasileiros acaba influenciando negativamente nas exportações de bens do país, uma vez que há uma “oferta insatisfatória de profissionais qualificados necessários para o período de transição da economia baseada no conhecimento” (2018, p. 1401).

O setor de serviços também é afetado, tendo em vista que acaba demandando por mão-de-obra mais qualificada, sobretudo pelo fato de que, na maioria dos casos, a exportação decorre de um alto grau de conhecimento, o que gera mais valor agregado ao serviço prestado. Apesar dessa enorme necessidade e de, como Souza et al. (2018) reconhece, haver poucos profissionais qualificados no mercado, há uma maior possibilidade de se trabalhar com mão-de-obra menos qualificada no setor de bens do que no de serviços, justamente pelo fato desse último necessitar muito do *know-how* para a inovação e desenvolvimento de novas tecnologias, o que exige que as empresas que trabalham com exportação de serviços, contratem pessoas mais bem preparadas. Sobre isso, De Negri e Freitas (2004, p. 11) dizem:

A escolaridade média do trabalhador na empresa é também uma variável especialmente relevante. É plausível acreditar que firmas de maior conteúdo tecnológico empregam mão-de-obra mais qualificada. É também razoável crer que firmas que empregam mão-de-obra mais qualificada têm maior capacidade de realizar inovação tecnológica, ou seja, a propensão à inovação tecnológica está diretamente associada à escolaridade média dos trabalhadores ocupados na empresa.

Outro ponto de destaque é a alta burocratização dos processos as quais as empresas brasileiras são submetidas para atuar no comércio internacional. Segundo Amorim (2016), as operações de comércio exterior são complexas, compostas por vários mecanismos, processos e ações que devem ser realizadas da melhor forma possível, de modo a garantir que as exportações e importações acarretem ganhos econômicos, além de projetar aqueles países cujo desempenho comercial é mais significativo, como atores globais no mercado internacional. Sobre isso, Amorim (2016, p. 39) acrescenta:

O comércio exterior brasileiro ainda apresenta diversos aspectos limitantes e restritivos, que reduzem a competitividade e lucratividade do setor. Fatores como excesso de burocratização, tributação excessiva, investimentos insatisfatórios em logística, baixo grau de disseminação das informações referentes ao comércio exterior, além de baixo conhecimento por parte daqueles que desejam atuar neste segmento impactam negativamente as atividades relacionadas com exportação e importação de mercadorias. E, portanto, reduzindo a frequência de utilização do serviço de praticagem.

Os problemas citados não foram os únicos intervenientes do comércio exterior brasileiro. Eles são fatores importantes que impactam as transações internacionais, mas existiram outros componentes durante as crises, que também podem ter contribuído para a desaceleração das exportações.

Como já explicitado no tópico anterior, durante a crise de 2008 ambos os setores tiveram suas exportações afetadas, não apenas no Brasil, mas no mundo todo. Contudo, é possível afirmar que, em valores constantes, o setor de bens acabou sofrendo de modo mais significativo com esta crise, provavelmente em virtude da desvalorização do dólar, que não é favorável às exportações.

Quando a desvalorização da moeda nacional frente ao dólar ocorre, acaba-se notando um aumento nas exportações brasileiras, pois o poder de compra dos demais países torna-se superior, ao ponto de se aumentar, também, a quantidade comprada, o que é favorável para todos os atores envolvidos. Contudo, quando o dólar cai frente ao real, nesse caso, ocasionada pela crise internacional, a capacidade de compra dos importadores dos produtos brasileiros cai, de modo que há uma diminuição das exportações.

Todavia, em virtude da crise internacional, esse foi um padrão observado, também, nos gráficos das exportações de bens e de serviços do mundo; não foi algo que afetou apenas o Brasil.

Já em 2012, durante a crise da Zona do Euro, o que observamos foi que nenhum dos dois setores sofreram significativamente, apesar dos países-membros da União Europeia serem importantes importadores dos produtos brasileiros, sobretudo commodities como frutas e carnes. Possivelmente, por se tratar de uma crise ocorrida em um bloco econômico e político, os demais países do mundo, que não foram afetados por esse evento, balancearam a quantidade exportada, deixando os valores estáveis.

Na crise interna de 2014, o processo se torna um pouco mais complexo. Observou-se que de 2014, início da crise, até 2018, último ano da série temporal a qual estamos analisando, houve algumas quedas e retomadas das exportações em valores constantes. As exportações de bens e de serviços do mundo não foram afetadas, permanecendo estáveis durante o período, justamente por se tratar de uma crise nacional que não teve grandes impactos no exterior.

Contudo, quando analisamos especificamente as exportações brasileiras em ambos os setores, percebe-se que houve algumas oscilações, em um setor mais do que no outro. Em relação às exportações de bens, em 2014 o Brasil exportou US\$ 220 bilhões; em 2015, US\$ 240 bilhões; em 2016, US\$ 232 bilhões; em 2017, US\$ 241 bilhões, fechando 2018 com US\$ 294

bilhões, seu auge dentro do período de 18 anos analisado. É notório que houve um crescimento significativo inicialmente de US\$ 20 bilhões, seguido de uma queda, que precede um crescimento substancial em seguida.

Já no setor de serviços, em 2014 o Brasil exportou US\$ 39 bilhões, seguidos para o seu auge de US\$ 43 bilhões em 2015; com uma queda contínua de US\$ 41 bilhões, em 2016, para US\$ 38 bilhões, em 2017, retomando o crescimento das exportações apenas em 2018, para US\$ 42 bilhões.

Percebe-se que, neste caso, o setor de bens teve uma recuperação maior do que o de serviços, provavelmente devido ao fato de que, com a desvalorização do real frente ao dólar em virtude da crise interna, os produtos brasileiros, sobretudo os commodities, acabaram ficando mais baratos e, conseqüentemente, melhor para o importador. Apesar da alta do dólar não ser favorável para os custos logísticos, as exportações de bens não sofreram impedimentos devido a esse fator, pois como a quantidade aumentou, os valores gastos com profissionais capacitados, frete e seguros internacionais se tornou irrisório em comparação.

O setor de serviços, nesse caso, pode não ter se destacado mais por não possuir profissionais tão qualificados para, pois, como vimos, essa área demanda muita mão-de-obra qualificada, já que, na maioria dos casos, o *Know-How* é um principal componente para o resultado desse tipo de exportação. Além do mais, falta profissionais de comércio exterior com mais expertise em relação a esse tema, o que não induz as empresas (pequenas e médias, sobretudo) a verem esse ramo como uma alternativa em período de crise, principalmente nas nacionais.

## **Considerações finais**

A revisão bibliográfica promovida em junção com os dados extraídos do Banco Mundial e do MDIC possibilitaram algumas conclusões importantes. Em primeiro lugar, notamos que apesar de ser superior em números às exportações de serviços, o setor de bens acaba sendo mais impactado em momentos de crises. Contudo, analisando cada crise citada especificamente (2008, 2012 e 2014), pudemos extrair algumas considerações relevantes.

Durante a crise internacional de 2008, o setor de serviços, apesar de afetado pela crise, acabou se recuperando de forma mais rápida que o de bens, retomando o crescimento logo. Enquanto isso, na crise da Zona do Euro de 2012, ambos os mercados foram bem dinâmicos, contornando os efeitos negativos de forma eficiente, de modo que mantiveram a estabilidade.

Já em 2014, durante a crise econômica e política do Brasil, os dois setores sofreram impactos, tendo sido o de bens o que se reergueu mais rapidamente.

Sendo assim, podemos concluir que, em crises internacionais, as exportações de bens são afetadas mais significativamente, não só no Brasil, mas no mundo todo, enquanto as exportações de serviços acabam sendo mais dinâmicas. Já durante crises internas, o setor de bens acaba se beneficiando mais em virtude da desvalorização cambial da moeda nacional, de modo que logo se recupera. Nesse caso, o setor de serviços acaba sofrendo mais com os impactos da crise, demorando mais a retomar o crescimento das exportações.

Notamos, portanto, que os mercados são afetados pelas características inerentes às próprias crises, não necessariamente por cada especificidade dos dois mercados. Todavia, apesar dos resultados encontrados, salientamos que esse tema precisa ser mais estudado, em virtude de sua complexidade. Deixamos como sugestão, então, que futuras pesquisas possam comparar os efeitos das crises mencionadas nas exportações de bens e serviços do Brasil com as exportações de outros países do mundo com características parecidas, para confirmar se as conclusões que chegamos se repetem, assim como se o padrão de impacto é semelhante em cada crise estudada.

## **Referências bibliográficas**

AMORIM, Adriano Augusto Negreiros. PROCESSOS DO COMÉRCIO EXTERIOR NA MOVIMENTAÇÃO DE MERCADORIAS: ASPECTOS OPERACIONAIS E PRATICAGEM.. **Empírica BR - Revista Brasileira de Gestão, Negócio e Tecnologia da Informação**, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 23-46, set. 2016. ISSN 2447-178X. Disponível em: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/EmpiricaBR/article/view/4262>. Acesso em: 10 nov. 2019.

BRASIL. Ministério da Economia. **Apresentação - SCS**. Brasília: Ministério da Economia, 2019. Disponível em: <http://www.mdic.gov.br/index.php/comercio-servicos/a-secretaria-de-comercio-e-servicos-scs/403-certificado-form-73>. Acesso em: 23 out. 2019.

CARCANHOLO, Marcelo et al. Crise Financeira Internacional - natureza e impacto. In: WANSETTO, R. & QUINTELA, S. (Org.). **Ilegitimidade da Dívida Pública: quem deve a quem?** Alternativas desde o Sul. São Paulo: Expressão Popular, 2008, v. 2, p. 12-18.

CATERMOL, Fabrício; LAUTENSCHLAGER, Alexandre. O crédito oficial à exportação no contexto de crise: experiências internacionais e o BNDES. **Revista do BNDES**, Rio de Janeiro, n. 34, p. 5-52, dez. 2010.

DE NEGRI, João Alberto; FREITAS, Fernando. **Inovação tecnológica, eficiência de escala e exportações brasileiras**. Brasília: Ipea, 2004.

FILHO, Fernando Ferrari; DE PAULA, Luiz Fernando. (2006). **Liberalização financeira e performance econômica: a experiência recente do BRIC.** Disponível em: <http://www.ie.ufrj.br/moeda/pdfs/bric.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2019.

HOEKMAN, Bernard. **Trade in services: Opening markets to create opportunities.** [S. l.]: WIDER Paper, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10419/161593>. Acesso em: 11 out. 2019.

KON, Anita. O COMÉRCIO INTERNACIONAL DA INDÚSTRIA DE SERVIÇOS: OS IMPACTOS NO DESENVOLVIMENTO DE PAÍSES DA AMÉRICA. **Cadernos Prolam/USP**, v. 5, n. 9, p. 09-47, 2006.

LIMA, Manuela Gomes; LÉLIS, Marcos Tadeu Caputi; CUNHA, André Moreira. Comércio internacional e competitividade do Brasil: um estudo comparativo utilizando a metodologia Constant Market-Share para o período 2000-2011. **Economia e Sociedade**. UNICAMP: Campinas, v. 24, n. 2, p. 419-448, 2015.

LOPES, Patrick Fernandes et al. Desempenho econômico e financeiro das empresas brasileiras de capital aberto: um estudo das crises de 2008 e 2012. **Revista Universo Contábil**, v. 12, n.1, p. 105-121, 2016.

MAZUMDARU, Srinivas. **O sistema econômico Bretton Woods terá chegado ao seu limite?** [S. l.]: DEUTSCHE WELLE, 2019. s. p. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/o-sistema-econ%C3%B4mico-bretton-woods-ter%C3%A1-chegado-ao-seu-limite/a-49705208>. Acesso em: 22 out. 2019.

MDIC. (2016). **Panorama do Comércio Internacional.** Disponível em: [http://www.mdic.gov.br/images/REPOSITORIO/scs/decin/Estatísticas\\_de\\_Comércio\\_Exterior/2016/Panorama\\_Oficial\\_2016\\_Final\\_.pdf](http://www.mdic.gov.br/images/REPOSITORIO/scs/decin/Estatísticas_de_Comércio_Exterior/2016/Panorama_Oficial_2016_Final_.pdf). Acesso em: 23 out. 2019.

\_\_\_\_\_. (2018?). **Estatísticas do Comércio Exterior de Serviços.** Disponível em: <http://www.mdic.gov.br/index.php/comercio-servicos/estatisticas-do-comercio-exterior-de-servicos>. Acesso em: 31 out. 2019.

OLIVEIRA, Ivan Tiago Machado. **Os BRICS no comércio internacional de serviços.** Brasília: Ipea, 2012. Disponível em: [http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/4557/1/BEPI\\_n09\\_brics.pdf](http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/4557/1/BEPI_n09_brics.pdf). Acesso em: 10 out. 2019.

RATNA, Rajan Sudesh; KIM, Nayeon. (2018). **Potential of trade in services.** Disponível em: <https://doi.org/10.18356/8da416a5-en>; Acesso em: 10 out. 2019.

ROSSI, Pedro; MELLO, Guilherme. Choque recessivo e a maior crise da história: A economia brasileira em marcha à ré. **Nota do Cecon, IE/UNICAMP.** Campinas, 2017.

SARQUIS, José Buainain. **Comércio internacional e crescimento econômico no Brasil**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2011.

SILVA, Alexandre Messa; DE NEGRI, João Alberto; KUBOTA, Luis Cláudio. **Estrutura e dinâmica do setor de serviços no Brasil**. In: DE NEGRI, João Alberto; KUBOTA, Luis Cláudio (Org.). *Estrutura e dinâmica do setor de serviços no Brasil*. Brasília: Ipea, 2006. p. 15-33.

SOUZA, Reginaldo da Silva et al. A estrutura do comércio exterior Brasileiro e os desafios para os importadores e exportadores/The structure of Brazilian foreign trade and the challenges for importers and exporters. **Brazilian Journal of Development**, v. 4, n. 4, p. 1396-1415, 2018.

THE WORLD BANK GROUP. (2019a). **What is the difference between current and constant data?** Disponível em: <https://datahelpdesk.worldbank.org/knowledgebase/articles/114942-what-is-the-difference-between-current-and-constan>. Acesso em: 14 out. 2019.

THE WORLD BANK GROUP. (2019b). **Indicators: Data**. Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicator>. Acesso em: 23 out. 2019.

VIEIRA, Flávio Vilela; VERÍSSIMO, Michele Polline. Crescimento econômico em economias emergentes selecionadas: Brasil, Rússia, Índia, China (BRIC) e África do Sul. **Economia e Sociedade**, v. 18, n. 3, p. 513-546, 2009.